

Cena

PERIÓDICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS
INSTITUTO DE ARTES | DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ISSN 1519-275X
ISSN Eletrônico 2236-3254

POÉTICAS TECNOLÓGICAS: realidade aumentada

Revista Cena, Porto Alegre, n. 25, p. 1-83, mai./ago. 2018.

EDITORIAL

Sob o tema Realidade Aumentada, o dossiê deste número 25 reúne reflexões de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, abordagens conceituais, críticas e analíticas motivadas pelas poéticas tecnológicas presentes na cena contemporânea, bem como pela expansão da teatralidade para novos contextos surgidos pelo desenvolvimento da tecnociência. O pensamento do filósofo Georges Simondon acerca da relação da obra de arte e do objeto-técnico é resgatado por Fernanda Areias como base teórica de seu estudo sobre os procedimentos artísticos empregados pela performer Shary Boyle. Areias destaca os jogos entre corpos esculturais e luz, criados pela artista canadense em suas instalações, por meio do emprego de retroprojeter associado a temporizador analógico. Com o olhar impregnado de sua experiência artística no campo da arte e tecnologia, Ludovic Fouquet aborda a transformação do corpo em suporte de difusão da imagem. Referindo criações de Robert Lepage, Thomas Israel e Klaus Obermaier, Fouquet destaca os efeitos visuais e aportes dramatúrgicos da técnica do mapeamento (*mapping*) associada ao corpo-tela, e apresenta alguns procedimentos de criação, desenvolvidos por ele em ateliers de formação, com interesse similar de promover o atravessamento imagem e corpo. Marta Isaacsson resgata diferentes entendimentos atribuídos ao termo intermedialidade nas últimas décadas, e encontra nos conhecimentos da filosofia e da neurofisiologia os fundamentos das práticas teatrais como as de Katie Mitchell e Christiane Jatahy, que se utilizam de imagens captadas ao vivo da ação cênica. A contribui-

ção da tecnologia ao processo de criação se coloca na reflexão de Gabriela Lírio. Após uma breve apresentação da trajetória multidisciplinar de Jan Lars, a pesquisadora descreve a composição do espetáculo *TIME* desse artista polonês, salientando o vínculo entre memória e tecnologia ali construído. Pois é nos vestígios materiais produzidos por instrumentos técnicos, fotografias e registros telefônicos em fitas verbatim, que o artista resgata a história de seu pai, um agente do período da Guerra Fria, para criar a dramaturgia de sua obra. O antigo sonho da marionete de Craig parece ter encontrado forma, em 2012, na montagem de *As Três Irmãs (versão androide)* do dramaturgo e encenador japonês Hirata Oriza, marcada pela participação de um robô personificando uma das protagonistas da trama. O espetáculo constitui o objeto central da reflexão de Zaven Paré, artista multidisciplinar, que atuou como colaborador do projeto *Intelligent Robotics*, coordenado pelo engenheiro Hiroshi Ishiguro, no qual foi desenvolvido o androide usado por Oriza. Com o olhar de quem conhece os engajamentos iniciais do projeto, Paré questiona a funcionalidade do robô na cena teatral, enquanto substituto do ator, destacando as peculiaridades das relações estabelecidas entre o robô e seus parceiros humanos, atores e público. Na reflexão de Yvan Tina, o teatro e a tecnologia se encontram em lugar inusitado, aquele da vida artificial. Considerando as artes biotecnológicas como forma de expressão, o pesquisador se interroga sobre a teatralidade existente na vida “sintética” (Prochiantz) criada pela tecnociência. Ele coloca, então, a bioarte

à prova do pensamento de diferentes estudos sobre a teatralidade e performance, para argumentar em favor da expansão desses domínios para as artes transgênicas e robóticas. Dois artigos extradossiê completam a edição: a conceituação dos arquivos da dança, especialmente dos arquivos do corpo, é discutida por Henrique Rochelle. Tendo como referência centros de documentação e centros coreográficos nacionais e estrangeiros, Rochelle investiga os sistemas de preservação e analisa a arquivos de dança a partir da conceituação de Derrida; por sua vez, Janaína Moraes e Nitzza Tenenblat se debruçam sobre o movimento *Judson Dance Theater*, ocorrido em New York entre 1962 e 1964, e destacam seus aspectos de colaboração em composição coreográfica.

Marta Isaacsson, Editora Colaboradora

Clóvis D. Massa, Editor